

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

RODRIGO QUEIROZ DE SOUSA

UMA VISÃO POSITIVA EM RELAÇÃO À IRMÃ MORTE

ANÁPOLIS-GO

2021

RODRIGO QUEIROZ DE SOUSA

UMA VISÃO POSITIVA EM RELAÇÃO À IRMÃ MORTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de bacharel em Teologia, sob orientação do Prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior.

ANÁPOLIS-GO

2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

RODRIGO QUEIROZ DE SOUSA

UMA VISÃO POSITIVA EM RELAÇÃO À IRMÃ MORTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Junior

Data da aprovação:

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente à Deus, que me deu força e inteligência, para compor tal pesquisa, aos meus pais Abelardo (in memoriam) e Lúcia que contribuíram com os planos de Deus em relação a minha concepção.

A minha querida esposa Eleuza que caminha junto comigo nas estradas rumo ao céu, à Santa Igreja de Deus e a todos os Homens e Mulheres de boa vontade que se dedicam ao crescimento do Reino de Deus aqui na terra.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é a fonte desta pesquisa, pois ele é o autor do grande mistério da morte.

A Jesus Sacramentado que acalentou meu coração e ouviu minhas suplicas pedindo ajuda para a composição de um trabalho que fosse para maior honra e glória de Deus.

A Santíssima Virgem Maria, que intercedeu junto a seu filho Jesus, para que o Espírito Santo iluminasse as trevas da minha mente e do meu coração, na hora de discorrer sobre cada tema apresentado.

Aos meus pais que contribuíram para o meu nascimento, e me ensinaram a crer em Deus e a rezar.

A minha Esposa Eleuza que sempre me apoia e me dá força em todos os meus projetos pessoais, principalmente no serviço voltado as coisas de Deus.

Ao padre Anevair José que não mediu esforços dando a oportunidade aos membros de pastorais que tivessem interesse de estudar Teologia (nesta ocasião ele era nosso Pároco), seria muito indelicadeza e ingratidão de minha parte não o mencionar.

A Paróquia São Joaquim, atualmente representada pelo nosso pároco padre Osvaldo João de Sousa que também não mediu esforços para a realização deste meu sonho de estudar Teologia, onde a mesma custeou grande parte dos meus estudos. Deixo aqui minha gratidão eterna bem como o compromisso de contribuir no que for preciso por conta deste aprendizado.

Por fim agradeço a todos os professores do curso de Teologia da faculdade Católica de Anápolis, por dividirem seus conhecimentos conosco, confesso que tive a oportunidade de conviver e aprender com grandes teólogos.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADV. HAER	Adversus Haeresis.
Apud	citado por
C.f	Conforme
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CPD	Credo do Povo de Deus
G.S	Gaudium et Spes
LR	L'osservatore Romano
LM	Lumen Fidei
OMS	Organização Mundial da Saúde

RESUMO

Ao longo do tempo, construiu-se uma visão muito negativa em relação à realidade da morte. Muitos a encaram como o nosso fim último e isso na maioria das vezes gera pânico, medo e horror em torno dessa experiência profundamente humana e dolorosa.

Diante da morte as reações são diversas, a dor é real e precisa ser vivida corretamente. Ninguém pode banalizar a morte e a dor que ela gera, pois o próprio Deus não a banaliza, ele em seu plano salvífico quer que todos vivam em outra dimensão junto com ele.

Sendo assim o objetivo desta pesquisa científica é desmitificar todos os conceitos negativos e errôneos que envolvem essa temática.

Como sugere o próprio título, passaremos a ver a morte de uma forma diferente, deixando de lado toda a impressão negativa que ela nos causou até o presente momento, podendo assim encarar com fé e esperança essa situação difícil e enigmática.

Palavras-Chave

Morte, Céu, visão positiva, ressurreição, Deus.

ABSTRACT

Over time, a very negative view has been built in relation to the reality of death. Many people see it as ultimate end and this most often generates panic, fear and horror around this human and painful experience.

In the face of death the reactions are diverse, the pain is real and needs to be lived correctly. No one can trivialize death and the pain it generates, because God Himself does not trivialize it, he in his saving plan wants everyone to live in another dimension with him.

Therefore, the objective of this scientific research is to demystify all the negative and erroneous concepts that involve this theme.

As the title suggests, we will start to see death in a different way, leaving aside all the negative impression it has caused us to date, thus being able to face this difficult and enigmatic situation with Faith and hope.

KEYWORDS

Death, heaven, positive view, resurrection, God.

SUMÁRIO

1-REFLEXÕES SOBRE A MORTE.....	11
1.1 A MORTE SOB O PONTO DE VISTA HISTÓRICO.....	11
1.4 A MORTE SOB O PONTO DE VISTA DE ALGUNS FILOSOFOS.....	12
1.5 A MORTE SEGUNDO ALGUMAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS.	14
2. A MORTE NA FÉ CRISTÃ.....	16
2.1 A MORTE NA SAGRADA ESCRITURA.	17
2.1.1 A MORTE NO ANTIGO TESTAMENTO.....	17
2.2 A MORTE NO NOVO TESTAMENTO.	19
2.3 ENSINAMENTOS DO CATECISMO SOBRE A MORTE.....	21
2.4 A VISÃO POSITIVA DOS SANTOS SOBRE A MORTE.....	22
2.5 A MORTE NA ATUALIDADE.....	24
2.5.1 A IMPORTANCIA DO PERÍODO DE LUTO.....	26
3- UMA VISÃO POSITIVA EM RELAÇÃO À IRMÃ MORTE.....	28
3.1 CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE E NA VIDA ETERNA.....	30
3.1.1 CARACTERÍSTICAS DO NOSSO CORPO GLORIOSO.....	33
3.2 A IGREJA COMO VIA DE CONSOLAÇÃO PARA AS ALMAS.....	34
3.2.1 EXÉQUIAS.....	34
3.2.2 PASTORAL DO CONSOLO E DA ESPERANÇA.....	35

INTRODUÇÃO

A morte é um acontecimento que se faz presente desde o início da humanidade. Um dos primeiros relatos da morte se encontra no início do livro de Gênesis, onde após o pecado original Deus retira de Adão e Eva o dom da imortalidade, logo em seguida ainda no mesmo livro, temos o relato do primeiro homicídio da humanidade onde Caim acometido de pura inveja, resolve assassinar brutalmente seu irmão Abel. Percebe-se então que a morte entrou no mundo por consequência do pecado, e desde que ela entrou na humanidade tem sido causa de pânico e tristeza para muitos.

Nesta pesquisa perceberemos que a morte é um tema bastante refletido, dentro das grandes ciências e religiões, existindo várias doutrinas e concepções acerca deste grande mistério da condição humana.

Dentro do seio familiar pouco se fala sobre a morte, pois vivemos em uma sociedade dividida entre aqueles que têm pavor de falar sobre o assunto e aqueles que acham que a vida deve ser vivida intensamente onde se acredita que aqui tudo se acaba. Essa segunda categoria é a mais preocupante, pois na maioria das vezes morrem da mesma forma em que se viveu não se preparando para o encontro definitivo com Deus. Em consequência disso aqueles que perdem algum ente querido, tem bastante dificuldade de superar essa perda, entrando às vezes em estado de tristeza, evoluindo quase sempre para um quadro de depressão. Essas pessoas na maioria das vezes são aquelas que não compreendem totalmente o sentido de morrer, acham que tudo termina neste mundo, não percebem o que há de positivo por traz desta condição tão dolorosa da realidade humana.

Diante de todo o mistério que rodeia o assunto morte, o objetivo principal desta pesquisa é mostrar o que há de positivo em morrer, pois parece loucura afirmar que algo tão marcante e doloroso como a morte tenha algum ponto positivo. Mais para entendermos esse lado positivo, precisamos percorrer um longo caminho, que se baseia nos ensinamentos da Sagrada Escritura, da tradição e do Magistério da Santa Igreja.

1-REFLEXÕES SOBRE A MORTE

1.1 A MORTE SOB O PONTO DE VISTA HISTÓRICO.

1.2 A MORTE NA IDADE ANTIGA

A morte tem um papel de grande relevância nas sociedades. Para ilustrar tal afirmação Giacoia (2005) afirma que a maneira como uma sociedade se posiciona diante da morte e do morto tem um papel decisivo na constituição e na manutenção de sua própria identidade coletiva e, conseqüentemente, na formação de uma tradição cultural comum.

A sociedade Mesopotâmica sepultava seus mortos com tamanho zelo que juntamente com o corpo eram postos vários pertences que marcavam a identidade pessoal e familiar do mesmo (roupas, objetos de uso pessoal e até mesmo a sua comida favorita), garantindo assim que nada lhe faltaria na travessia do mundo da vida para o mundo da morte, implantado no subterrâneo terrestre. Este rito objetivava a representação de morte que os mesopotâmios tinham, que era a de passagem.

Já os gregos tinham como característica cultural nos seus ritos funerários a prática de cremar os corpos dos mortos, com o intuito de marcar a nova condição existencial destes, a condição social de mortos. Entretanto, havia dois tipos de mortos basicamente: os mortos comuns e anônimos e os heróis falecidos. Os primeiros eram cremados e enterrados coletivamente em valas, uma vez que eram vistos como simples mortais.

O segundo tipo era levado à pira crematória, reservada para os grandes heróis, na cerimônia da bela morte, uma vez que nas representações dos gregos esse tipo de morte tornava imortal o morto. Esse tipo de simbolização da morte pode ser constatado na obra de Homero, denominada *Íliada*, onde o autor aponta Aquiles como o melhor dos gregos em função de seus atos de bravura (GIACOIA, 2005).

1.3 A MORTE NA IDADE MÉDIA

Segundo o historiador francês Philippe Ariès a atitude do homem diante da morte mudou muito ao longo dos séculos e a forma que ela é encarada na atualidade é na verdade algo muito recente. Philippe ainda relata que no início da idade média havia certa familiaridade com a morte onde a mesma era um acontecimento público, onde o moribundo ao pressenti-la se recolhia em seu quarto acompanhado de parentes, amigos e vizinhos, ali mesmo ele pedia perdão de suas culpas, dividia seus bens e esperava a morte chegar. Não havia naquele momento um caráter de gestos e comoções excessivas (História da morte no ocidente, p. 48).

Dentro desta familiaridade com a morte também é importante ressaltar outro aspecto da época: Mesmo lidando bem com o fato, os antigos tinham a proximidade com os mortos e os mantinham a distancia. Sendo assim ficavam proibidos os enterros dentro das cidades, os cemitérios eram construídos fora das mesmas. "O mundo dos vivos deveria ser separado do mundo dos mortos" (ARIÈS, 2003, p. 36).

A partir do século XVIII o homem da sociedade ocidental tende a dar a morte um novo sentido, se ocupando mesmo da sua própria morte passando a temer a morte do outro do ser amado, observa-se então uma associação entre a morte e o amor (ARIÈS, 2003. p. 65). O que era visto como familiaridade nos séculos anteriores a morte agora é considerada uma ruptura (ARIÈS, 2003. p. 66).

1.4 A MORTE SOB O PONTO DE VISTA DE ALGUNS FILOSOFOS.

Enquanto a filosofia permanece desconhecida, o homem vive de forma tranquila e é o conhecimento de sua existência e a percepção de que se é finito que o torna temente à morte. Essa visão reitera a ideia de que um dia a matéria terá fim: "O animal vive sem conhecimento verdadeiro da morte: por isso o indivíduo animal goza imediatamente de todo caráter imperecível da espécie, na medida em que só se conhece como infinito. Com a razão apareceu, necessariamente entre os homens, a certeza assustadora da morte". (Schopenhauer, 1788-1860, p. 59).

Schopenhauer apresenta a morte como uma pedra chave para a filosofia ele evidencia isso em seu livro intitulado “A metafísica da morte”.

No fundo, entretanto, somos unos com o mundo, muito mais do que estamos acostumados a pensar: Quem pudesse ter clara consciência desse ser uno, desapareceria a diferença entre a persistência do mundo externo, depois que se está morto, e a própria persistência após a morte. (Schopenhauer, 1788-1860, p. 100).

Para Friedrich Nietzsche o homem vivencia a morte de forma covarde ou de forma voluntária. A morte covarde pode ser definida, em poucas palavras, como a experiência da morte como um acaso, cujo efeito imediato é o desejo de morrer. Nesse caso, deseja-se morrer porque se morre.

“A falta de longevidade da vida basta para que se pregue o abandono da mesma. Aqueles que pensam assim, dirá Nietzsche, são os pregadores da morte” (Nietzsche e a Morte. Cadernos de Filosofia Alemã).

Fundamentando as consequências da morte covarde, Nietzsche faz menção à lembrança inerente ao homem, considerado por ele como a causa de todo o sofrimento humano, sendo este submetido ao tempo que passa, perdendo a possibilidade de mudança da realidade. O homem não tem noção real de tempo, sendo acometido à morte que “parece ser um acidente que assalta”. A morte surge, para essas pessoas, como uma fatalidade. (Nietzsche e a Morte. Cadernos de Filosofia Alemã).

Segundo o pensamento de Martin Heidegger o homem é um ser que caminha para a morte e sua relação com o mundo se concretiza a partir dos conceitos de preocupação, angústia, conhecimento e complexo de culpa. Para ele o homem deve alcançar o melhor sentido de ser para poder enfrentar a morte. De Platão (428-327 a.C.) a Heidegger (1889-1976) a filosofia é repleta de teorias e ensinamentos sobre a morte.

“A morte é um modo de ser que a existência humana assume desde que ela tem início” (Martin Heidegger).

1.5 A MORTE SEGUNDO ALGUMAS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS.

ÍNDIA: FIM DE UM CICLO

O hinduísmo é a religião adotada pela maior parte dos indianos, eles acreditam reencarnar diversas vezes até alcançar a “vida eterna”.

Eles têm o costume de cremar os corpos dos mortos na beira do rio Ganges em uma cerimônia privada onde participam apenas os familiares ou pessoas muito próximas, os indianos conformam com a morte de uma maneira muito radical, isso indica uma tendência global das sociedades em se esquivarem da morte. A Bhagavadegitá texto religioso hindu datado do século IV antes de Cristo diz que para o Hinduísmo vida é morte, e morte é vida, pois quem nasceu já começou a morrer, e quem morreu já começou a viver. “certa é a morte do que nasce, e certo o nascimento do que morre” (Bhagavadegitá, II. p. 27).

BUDISMO

Os budistas acreditam em reencarnação, para eles após a morte o espírito volta à vida em outro corpo. Suas ações em vida influenciam em quais condições voltará, subindo ou descendo na escala evolutiva dos seres vivos.

Buda compara a morte e a reencarnação como o ciclo de dormir, sonhar e acordar. Para o budismo as reencarnações acontecem até que o espírito se liberte do carma, que é a lei de causa e efeitos deles. Para se libertar do carma é preciso se desapegar das coisas materiais, evitar o mal, praticar o bem e purificar o pensamento. Transcender ao carma significa encerrar o ciclo de reencarnações e atingir a iluminação (KNOBEL, 2008).

Quando Buda estava morrendo num bosque em Kushinagara, rodeado por quinhentos dos seus discípulos, disse-lhes antes de expirar: “É da natureza das coisas tomar forma para dissolvê-las depois. Empenhem-se com todo seu ser para ganhar a perfeição” (Rinponche,2005, p. 48).

ESPIRITISMO KARDECISTA

No espiritismo a preocupação apenas com uma vida não é um problema, visto que na doutrina de Kardec a existência do individuo se da na multiplicidade de vidas que este tem que viver. Toda doutrina Kardecista esta pautada na reencarnação. Em outras palavras o individuo nasce, envelhece, morre e nasce novamente, onde a morte é apenas uma etapa de nossa existência na qual iremos vivenciar varias vezes. Sobre a reencarnação, Kardec afirma que é o processo de nascer novamente é habitar em outro corpo orgânico material em outra vida. Essa nova existência trará para o espirito a chance de evoluir mais (Kardec, 2008, p. 83).

Como justificativa para a reencarnação Kardec defende que “Um bom pai deixa sempre aos seus filhos uma porta aberta ao arrependimento” (Kardec, 2008, p. 83). Para o espiritismo Kardecista o homem passa diversas vezes pela experiência da morte, até atingir total perfeição, isso além de negar a salvação conquistada por Cristo na cruz contraria também a palavra de Deus que diz que o homem morrera apenas uma vez (Heb.9,27).

JUDAISMO

A tradição judaica encara a morte com respeito, e nos ensina a não termos medo dela, de acordo com os pressupostos do Judaísmo a criação do homem atesta a vida eterna para a alma. Para os Judeus no ser humano foi plantada a semente da eternidade, onde que na morte a alma e o corpo que formavam uma identidade se separam. Para os judeus a alma é imortal.

Segundo Leone os ritos e ensinamentos do Judaísmo relacionados à morte são o meio pelo qual somos convidados a contemplarmos a arvore da vida que

engloba toda existência. É nesse sentido que a morte descrita diversas vezes na Toráh como um retorno para casa (LEONE, 2007).

2. A MORTE NA FÉ CRISTÃ.

A Igreja ensina que, em consequência do pecado original, o homem deve sofrer “a morte corporal, à qual teria sido subtraído se não tivesse pecado” (GS, 18; Gn 2,17). Embora o homem tivesse uma natureza mortal, Deus o destinava a não morrer. “Ora, Deus criou o homem para a imortalidade, e o fez à imagem de sua própria natureza. É por inveja do demônio que a morte entrou no mundo, e os que pertencem ao demônio prová-la-ão”. (Sab 2, 23). A morte foi, portanto, contrária aos desígnios de Deus criador e entrou no mundo como consequência do pecado; e será o “último inimigo” do homem a ser vencido (1Cor 15,26).

É em face da morte que o enigma da condição humana mais se adensa. Não é só a dor e a progressiva dissolução do corpo que atormentam o homem, mas também, e ainda mais, o temor de que tudo acabe para sempre. Mas a intuição do próprio coração fá-lo acertar, quando o leva a aborrecer e a recusar a ruína total e o desaparecimento definitivo da sua pessoa. O germe de eternidade que nele existe irreduzível à pura matéria, insurge-se contra a morte. Todas as tentativas da técnica, por muito úteis que sejam não conseguem acalmar a ansiedade do homem: o prolongamento da longevidade biológica não pode satisfazer aquele desejo duma vida ulterior, invencivelmente radicado no seu coração. (GS 18).

Contra todas as teorias pessimistas a Igreja nos apresenta a certeza e a esperança da vida eterna em Deus nosso criador.

O cristão rejeita a ideia do desaparecimento total, pois Cristo nos deixou a certeza da imortalidade que cada um de nós deseja, é um absurdo pensar que o homem seria destinado ao nada, Deus o criou para a bem aventurança. (AQUINO Felipe, 2010, p. 16).

Ainda sobre esta esperança a luz da fé, o Papa Francisco na *Lumen Fidei* diz: “quem acredita, vê com uma luz que ilumina todo o percurso da estrada, porque nos vem de Cristo ressuscitado” (L F 1). E a fé é como uma luz que é capaz de tornar claro o que era escuro dá ao ser humano a capacidade de reconhecer o que antes não era reconhecível e ainda de ser capaz de discernir qual o melhor caminho a tomar diante das situações. Ele continua a dizer:

Urge recuperar o caráter de luz que é próprio da fé, pois quando sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam também por perder seu vigor. De fato, a luz da fé possui um caráter singular sendo capaz de iluminar toda a existência do homem. (LF, 04).

2.1 A MORTE NA SAGRADA ESCRITURA.

Começemos com uma questão: como a Escritura encara a morte? Ela trata da questão sempre sob o enfoque da fé. Jamais a vida e a morte são vistas em si mesmas, mas sempre em relação a Deus: é na fé que podemos compreender em profundidade o sentido do viver e do morrer. Se o mundo atual já não sabe mais o que pensar da morte, é porque já não vive mais em profundidade e com seriedade a fé (Dom Henrique Soares, 2019 p. 35).

2.1.1 A MORTE NO ANTIGO TESTAMENTO.

No Antigo Testamento o tema morte é tratado quase que de forma natural pela maneira que é descrita, muitas vezes a morte de algum personagem bíblico não passa de uma meditação onde sua aceitação é uma necessidade absolutamente natural, diferente do Novo testamento que através do mistério da morte e ressurreição de Cristo, a morte torna-se um caminho para Deus.

A Cruz fala-nos do amor supremo de Deus e convida-nos a renovar, hoje, a nossa fé na força deste amor, a crer que em cada situação da nossa vida, da história, do mundo, Deus é capaz de vencer a morte, o pecado, o mal, e dar-nos uma vida nova, ressuscitada. Na morte do

Filho de Deus na cruz, há o gérmen de uma nova esperança de vida.
(BENTO XVI,22/04/2011)

Ainda no Antigo Testamento são abordadas algumas situações referentes à morte, cada autor sagrado possui uma visão diferente sobre o tema. Alguns veem a morte como um castigo por conta da desobediência a Deus como demonstra o livro de 1º Crônicas em que o autor relata a morte de Saul como consequência de pedir ajuda aos mortos e não ao Deus vivo.

Saul morreu por causa da infidelidade pela qual se tornara culpado contra o Senhor, não observando a palavra do Senhor e por ter consultado necromantes. Não consultou o Senhor. Por isso, o Senhor o fez morrer, transferindo assim a realeza para Davi, filho de Jessé.
(1Cro 10,13-14)

Alguns veem a morte não como um fim, o profeta Isaias afirma que os mortos viverão e seus corpos ressuscitarão.

Que os vossos mortos revivam! Que seus cadáveres ressuscitem! Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos, porque vosso orvalho é um orvalho de luz e a terra restituirá o dia às sombras. (Is 26,19).

Outros encaram a morte como o fim, no livro de Eclesiastes o autor relata a morte como o fim de uma existência e que ao morrer não se pode fazer mais nada nem mesmo ser recompensado pelo bem que fez.

Com efeito, os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos de nada sabem. Para eles não há mais recompensa, porque sua lembrança jaz no esquecimento. (cf.Ecl. 9,5-5).

No Antigo testamento eles também tinham a concepção de que aqueles que morriam iam para a mansão dos mortos (Sheol). O sheol era igual para todo mundo, bons e maus: era o reino da morte para todos. Os mortos ficavam numa situação de espera até à consumação final. Aos poucos foi nascendo a idéia de que,

mesmo no sheol, há diferença entre os bons e maus, basta pensar na parábola do rico e do pobre Lázaro: os dois estão no sheol (no seio de Abraão), mas um está feliz enquanto o outro pena (cf. Lc. 16, 19-26). Em resumo: segundo o Antigo Testamento, os mortos ficavam “dormindo” no sheol até a parusia.

No mundo inferior, os falecidos levam uma existência espectral, enfraquecida, que se quer pode ser chamada de “vida”. O Sheol é o lugar do horror, do esquecimento, aonde a mão de Deus não alcança, onde não fala mais de seus prodígios e de sua fidelidade. (Schneider, 2001, p. 378).

Ainda nesta mesma linha de pensamento de que o sheol é um lugar sombrio, Bento XVI afirma que dessa concepção global arcaica não se encontra aquilo que é verdadeiramente característico de Israel, faz parte também a ideia de que a morte não equivale simplesmente à destruição: o morto desce ao sheol, onde leva uma existência vazia como uma sombra” (Bento XVI, 2019, p. 95).

Além de ser um lugar sombrio, o Sheol é um lugar onde todas as relações se perdem e se passa pela experiência do esquecimento por todos. Através dessa concepção Schneider salienta que “descer ao sheol significa mergulhar no esquecimento e na ausência de relações” (2012, p. 378).

Percebe-se então que no pós-morte a vida e a ressurreição não era uma compreensão de fé unânime no Antigo Testamento. Torna-se perceptível as vezes em um mesmo livro que a morte é tomada em diferentes acepções e discrepâncias devido a complexidade da questão. Em compensação, com o cumprimento da promessa da nova e eterna aliança através da encarnação de Jesus Cristo, o Novo Testamento aborda uma nova maneira de compreender a morte que passa a ser vista de maneira teológica, ou seja, dentro de uma perspectiva divina e não mais de maneira antropológica, ou seja, algo meramente humano.

2.2 A MORTE NO NOVO TESTAMENTO.

No Novo Testamento temos uma nova compreensão de morte que culmina na paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Com a chegada do Messias tudo muda: os mortos não têm mais o que esperar, pois o futuro esperado torna-se hoje, torna-se presente em Jesus. Cristo detém toda a autoridade sobre a morte. A autoridade de Jesus Cristo em relação à morte fica bastante evidente em um episódio muito conhecido dos Evangelhos, episódio tão instigante cujo mesmo é narrado nos três Evangelhos sinóticos: A Ressurreição da filha de Jairo.

Ao chegar à casa do chefe da sinagoga, viu o alvoroço e os que estavam chorando e fazendo grandes lamentações. Ele entrou e disse-lhes: Por que todo esse barulho e esses choros? A menina não morreu. Ela está dormindo. Mas riem-se dele. Contudo, tendo mandado sair todos, tomou o pai e a mãe da menina e os que levava consigo, e entrou onde a menina estava deitada. Segurou a mão da menina e disse-lhe: “Talita cumi”, que quer dizer: “Menina, ordeno-te, levanta-te”. E imediatamente a menina se levantou e se pôs a caminhar (pois contava doze anos). Eles ficaram assombrados. Ordenou-lhes severamente que ninguém o soubesse e mandou que lhe dessem de comer. (Mt 13,53-58 = Lc 4,16-30 = Mc.5.21,43)

Outro episódio conhecido, também demonstra claramente essa autoridade de Cristo sobre a morte: é a morte de seu amigo Lázaro que há quatro dias jazia no sepulcro e retorna à vida pelo poder da palavra de Cristo.

Tomado, novamente, de profunda emoção, Jesus foi ao sepulcro.

Era uma gruta, coberta por uma pedra.

Jesus ordenou: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto:

Senhor, já cheira mal, pois há quatro dias que ele está aí...

Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu: Se creres verá a glória de Deus? Tiraram, pois, a pedra.

Levantando Jesus os olhos ao alto, disse: Pai rendo-te graças, porque me ouviste.

Eu bem sei que sempre me ouves, mas falo assim por causa do povo que está em roda, para que creiam que tu me enviaste.

Depois destas palavras, exclamou em alta voz: Lázaro vem para

fora! E o morto saiu, tendo os pés e as mãos ligados com faixas (Jo11,38-44).

O Papa João Paulo II em uma de suas catequeses fez a seguinte declaração confirmando a autoridade de Cristo sobre a morte: “Junto do sepulcro de Lázaro realizou-se um particular *confronto da morte com a missão redentora de Cristo*”. Cristo era a testemunha do eterno Amor do Pai — daquele Amor, que resiste à morte e deseja a vida. Ressuscitando Lázaro, deu testemunho deste Amor. Deu também testemunho do exclusivo poder de Deus sobre a vida e sobre a morte. Na ressurreição de Lázaro manifestou-se o poder de Deus sobre o Espírito e sobre o corpo do homem” (Catequese 08 de abril de 1984).

São João Paulo II ao dizer essas palavras nos faz refletir que o amor de Deus supra todas as coisas principalmente aquilo que nos parece impossível, e que nesta passagem da ressurreição de Lázaro Deus manifesta seu poder sobre o homem demonstrando que ele é Senhor de todas as coisas, principalmente da vida e da morte. Mesmo sendo Senhor de todas as coisas o próprio Cristo em sua condição humana também experimentou o dissabor da morte.

No Evangelho de Segundo Mateus, Cristo aquele que deu a vida há muitos filhos de Israel, experimenta o duro e cruel sono da morte que também provocou nos seus seguidores sentimento de tristeza, desânimo e impotência. Jesus experimenta a mansão dos mortos, o sheol.

O próprio Cristo, o verdadeiro justo, é enquanto tal um padecente lançado à morte. O justo desceu ao sheol, ao país impuro onde Deus não é louvado. Com esse descenso de Jesus, é o próprio deus que desce ao sheol: com isso, no entanto, a morte deixa de o país das trevas, abandonado por Deus e o terreno da cruel distância de Deus. (BENTO XVI, 2009, p. 106).

2.3 ENSINAMENTOS DO CATECISMO SOBRE A MORTE.

A morte é o termo da vida terrestre. Nossas vidas são medidas pelo tempo, ao longo do qual passamos por mudanças, envelhecemos e, como acontece com todos os seres vivos da terra, a morte aparece como o fim normal da vida. Este aspecto da morte marca nossas vidas com um caráter de urgência: A lembrança de nossa mortalidade serve também para recordar-nos de que temos um tempo limitado para realizar nossa vida (CIC. 1007). Este parágrafo do catecismo nos leva a refletir que a morte é uma realidade em que todos irão passar, onde devemos aproveitar cada segundo de nossas vidas pois nosso tempo aqui na terra é bastante precioso porém limitado.

Na morte, Deus chama o homem a si. É por isso que o cristão pode sentir, em relação à morte, um desejo semelhante ao de São Paulo: "O meu desejo é partir e ir estar com Cristo" (Fl 1,23); e pode transformar sua própria morte em um ato de obediência e de amor ao Pai, a exemplo de Cristo (CIC. 1011). Aqui podemos perceber a morte como um chamado, onde devemos estar preparados e atentos para quando formos chamados de volta à casa do Pai.

A morte é o fim da peregrinação terrestre do homem, do tempo de graça e de misericórdia que Deus lhe oferece para realizar sua vida terrestre segundo o projeto divino e para decidir seu destino último. Quando tiver terminado "o único curso de nossa vida terrestre", não voltaremos mais a outras vidas terrestres. "Os homens devem morrer uma só vez" (Hb 9,27). Não existe "reencarnação" depois da morte (CIC. 1013). Neste parágrafo o catecismo ressalta o julgamento que virá por ocasião da morte, pois é através dela que será decidido nosso fim último.

A Igreja nos encoraja à preparação da hora de nossa morte. "Livra-nos, Senhor, de uma morte súbita e imprevista": Antiga ladainha de todos os santos, a pedir à Mãe de Deus que interceda por nós na hora de nossa morte (CIC. 1014). Devemos nos manter vigilantes e preparados, para o momento de nossa partida, a oração da Ave Maria é um acalento para nossas almas na hora da agonia.

2.4 A VISÃO POSITIVA DOS SANTOS SOBRE A MORTE.

Os Santos viam a morte de uma maneira distinta da visão do mundo, eles a encaravam como uma grande recompensa por todo sofrimento que passaram em suas vidas na terra por causa do nome de Cristo. Foi através da fé na ressurreição que alguns Santos em seu leito de morte, nos presentearam com verdadeiras catequeses em relação a esse tema tão temido. Os santos tinham uma maneira bastante peculiar de se relacionar com a morte, que no mundo moderno poderiam facilmente ser taxados de loucos. A esse exemplo temos os mártires que mesmo sabendo do fim que os esperavam não renegavam a fé no Cristo. Essa fé na esperança de estar para sempre ao lado do senhor os encorajavam a entregarem suas vidas com alegria.

São Paulo dizia: “Porque viver pra mim é Cristo e o morrer é lucro” (Fil.1-21). Nesta frase São Paulo nos faz enxergar que assim como ele devemos ver a morte como um prêmio.

“E eu que disponho de tempo, que faço eu por minha alma”? (LIGORIO afonso DE, preparação para a morte pág. 14).

Santo Afonso de Ligório nos exorta ao que diz respeito de nos prepararmos para quando o Senhor nos chamar de volta.

No Cântico das Criaturas existe o famoso verso de Francisco de Assis: “Louvado sejas, meu Senhor, pela Irmã nossa, a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar”; ou como relata Tomás de Celano: “Convidava também todas as criaturas ao louvor de Deus e, por meio das palavras que outrora compusera, ele próprio exortava ao amor de Deus. Exortava ao louvor até a própria morte, terrível e odiosa para todos, indo alegre ao encontro dela, convidava-a a sua hospitalidade; disse: “Bem-vinda, minha irmã morte!”(2Cel 217,7). Francisco preparou ritualmente sua morte, fez da sua morte uma celebração, um rito de passagem. Por estar plenamente na vida e na totalidade da existência integrou a morte não como um absurdo, mas como parte natural do ciclo da vida.

Francisco preocupou-se com a vida, morre cantando a vida e sua essência. Ao celebrar a morte, ele a encarou como aquela que lhe estendia a mão para concretizar o grande sonho humano: a imortalidade! Ele sabe que não está perdendo nada da vida porque encontrou e ganhou a vida plena que estava dentro de si mesmo, ou seja, para Francisco o grande prêmio da morte é a vida eterna ao lado do criador.

Percebemos através das reflexões desses grandes Santos da Igreja, que a morte para eles não era o termino de tudo, muitos deles viam a morte como a esperança de um novo começo, uma nova vida na glória de Deus. Santo Afonso Maria de Ligório diz que devemos meditar sobre a felicidade de estar na Glória de Deus, felicidade que neste mundo não somos capazes de compreender.

Que dirá a alma quando entrar naquela mansão felicíssima?... Imaginemos um jovem ou uma virgem que, tendo consagrado sua vida ao amor e ao serviço de Cristo, acaba de morrer e deixa este vale de lágrimas. Sua alma se apresenta ao juízo, o juiz a acolhe com bondade e lhe declara que esta salva. O anjo da guarda a acompanha e felicita: “Vem, pois, alma querida, diz-lhe o anjo, regozija-te porque estás salva, vem contemplar a face do Senhor. (DE LIGORIO Afonso ,2016 p. 304).

2.5 A MORTE NA ATUALIDADE.

O mundo moderno tem grande dificuldade em falar de morte, há uma falsa ilusão de que não falar no assunto ameniza o problema, em razão disso criou-se uma “indústria a serviço da morte” onde pagamos para que os agentes funerários cuidem de tudo, na maioria das vezes o doente morre em um hospital, longe de seus familiares e amigos, morre sem calor humano. Os adultos geralmente escondem o fato das crianças com o intuito de não as traumatizar, o velório é realizado em local apropriado para que não fiquem lembranças ruins na casa do falecido. Essas medidas “paliativas” além de não resolver a situação acabam gerando outros problemas como o medo, falsas doutrinas, peso na consciência e até mesmo diversos traumas. “Se oculta sistematicamente das crianças a morte e os mortos, guardando silencio diante de suas interrogações” (MARANHÃO, 1985, p. 10).

A morte é uma realidade da qual não se pode fugir! Essa frase nos remete mais precisamente ao primeiro semestre do ano 2020, onde uma terrível pandemia se alastrou por toda a terra dizimando grande parte da população. A Covid 19 uma doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), teve seu surgimento no final do ano de 2019 na cidade de Wuhan na China, e o que até então se pensava ser apenas de um simples resfriado, evoluiu para uma doença terrível que ataca principalmente os pulmões causando grande dificuldade de respirar. Apesar de ser 250 vezes menor que um grão de areia o novo coronavírus conseguiu deturpar o modo de vida de todo planeta. Segundo um levantamento feito pelas Nações unidas estima-se que cerca de 3,4 milhões de pessoas tenham morrido por conta da doença até maio de 2021 (<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus-> Acesso em 15/08/21).

O que nos caberia fazermos diante desse contexto? Nada absolutamente nada, passamos a viver com medo e pavor, pois a morte se aproximou das pessoas sem fazer acepção de raça, cor, gênero ou classe social. A grande mídia começou a se aproveitar da situação conseguindo gerar pânico nas pessoas, noticiários relatavam que cada vez mais pessoas perdiam a vida em decorrência deste vírus. Padre Léo escreveu que quando se tem medo da morte, você se torna escravo do demônio e vive aqui a verdadeira morte. Ignorar a morte ressalta padre Léo, é meio caminho andado para o inferno, pois aquilo que ignoro, lanço o medo e uma vez lançado o medo a pessoa se retrai (Cura dos Traumas da morte, 2010, p. 52).

O ser humano moderno precisa aprender a viver e também precisa aprender a morrer, é preciso saborear a morte, não como uma coisa macabra, mas como uma realidade da qual não se pode fugir e cujos sentidos mais profundos precisamos descobrir. Se você puder estar ao lado de uma pessoa querida na hora em que ela estiver morrendo, você descobriria coisas maravilhosas. (Pe Leo, 2010, p. 25).

Sendo assim é preciso que nos reconciliemos com nossa morte, ela não é nossa inimiga, não devemos temê-la, é ela que nos levará ao encontro definitivo com Deus, não olhemos para ela como algo inesperado neste pois ela é uma realidade

que vai chegar e a maneira que se vive também será a maneira que se morrerá. Os monges antigos que se encontravam nos mosteiros, saudavam-se com uma expressão em latim: *Memento moris*, que significa “Vais morrer” e o outro respondia: *Carpe diem* que significa viva bem o dia de hoje. Os monges cartuxos pertencentes à ordem fundada por São Bruno nos dão uma bela demonstração da sabedoria daqueles que vivem para morrer, pois sabem que a morte é a porta de entrada para a vida eterna. Os monges cavam suas próprias tumbas. Cavam um pouco a cada dia após entoarem o lema “Morrer havemos, já o sabemos”. Segundo os relatos, eles querem morrer sem pressa, no lugar onde viveram à espera de um dia poderem gozar da paz do Espírito Santo. O corpo é enterrado sem caixão, vestido com um hábito branco e um capuz sobre o rosto para que o monge “só veja a face de Deus”. A cerimônia é restrita aos outros monges do convento, que entoam cânticos enquanto despejam a terra sobre o corpo. A tumba recebe apenas uma cruz e não tem nenhum tipo de identificação, com o nome de quem está enterrado ali (<https://pt.aleteia.org/2017/02/14/morrer-havemos-ja-o-sabemos-> Acesso em 02/10/21).

O exemplo desses monges nos ensina a conviver com nossa morte, e nos ensina que quando ela chegar possamos vê-la como aquela amiga que nos toma pelos braços e nos leva para junto de Deus.

2.5.1 A IMPORTANCIA DO PERÍODO DE LUTO.

Não existe no mundo pessoa que não perdeu um ente querido, essa é uma experiência dolorosa, pois se trata do rompimento de um laço de vida. Neste mundo você nunca mais poderá ver, nem falar com seu ente querido. Sendo assim esse rompimento é tão doloroso, é como se o mundo desabasse sobre nossas cabeças.

O luto é um período de tempo muito importante, para retomarmos nossas vidas, esse período precisa ser bem vivido, pois esse é o tempo que sentimos um misto de emoções: Raiva, tristeza, revolta e indignação. Geralmente deixamos nos levar por nosso egoísmo onde acabamos procurando alguém pra culpa-lo pela nossa dor. Esse alguém geralmente é Deus. Revoltar-se com Deus tornou-se algo bastante

comum principalmente quando se trata da morte. A atitude mais correta ao questionarmos Deus seria pedindo sua ajuda para esse momento de desespero e de dor. A palavra de Deus traz lindas orações de pedido de ajuda onde muitos salmos são verdadeiras poesias de lamentação como, por exemplo, o Salmo 72:

Sobe até Deus a minha voz, e peço socorro; chega a Deus a minha voz e ele me ouve. No dia da angustia busco o Senhor; a noite toda estendo a mão, sem me cansar, e rejeito a qualquer consolo. Lembro-me de Deus e solto gemidos, medito e meu espírito se abate. Conversas em vigília os meus olhos, fico aturdido sem poder falar [...] (Sl 72,2-6).

Viver de maneira correta o período de luto nos ajuda a superar situações que ficaram sem solução. Sempre que se perde alguém é muito comum ficar se questionando: Será que eu poderia ter feito algo a mais por ele? Será que fiz tudo que estava ao meu alcance? Quando surgem essas dúvidas a pessoa fica se autocondenando, achando que teve culpa ou foi negligente com o defunto. Neste caso é de grande ajuda para o enlutado, fazer uma boa confissão. Abra seu coração diante do sacerdote, reconheça sua culpa, fale sobre sua relação com seu ente querido, e principalmente entregue aquela pessoa para Deus, pois Deus não nos condena e a pessoa falecida também não, a morte purifica tudo inclusive as imperfeições dos nossos relacionamentos.

Em uma de suas catequeses o Papa Francisco lembrou aos fiéis que mesmo a morte sendo uma realidade que faz parte da vida, nunca é vista como algo natural e que a morte na família é como um buraco negro que se abre na vida dessas pessoas gerando diversos tipos de sentimentos ruins. Mas no povo de Deus ressalta o Papa, muitas famílias demonstram que a morte não tem a última palavra e este é um verdadeiro ato de fé. “Todas as vezes que a família, no luto, encontra força de preservar a fé e o amor que nos unem àqueles que nos amam, ela impede já agora a morte de pegar tudo” (catequese do Papa Francisco, 14 de outubro de 2016, cidade do vaticano).

E o Papa deixa ainda um conselho para enfrentar as situações de luto: Fé e amor.

Na fé, podemos nos consolar uns com os outros sabendo que o Senhor venceu a morte de uma vez por todas. Nossos entes queridos não desapareceram na escuridão do nada. A esperança nos assegura que eles estão nas mãos boas e fortes de Deus. (Catequese do Papa Francisco em 14 de outubro de 2016, cidade do Vaticano).

“Na atualidade, segundo os novos costumes, o luto não é mais manifestado publicamente, as expressões sociais como as cartas de condolências e o traje de luto têm desaparecido da cultura urbana. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis” (MARANHÃO, 1986, p.18-19).

3- UMA VISÃO POSITIVA EM RELAÇÃO À IRMÃ MORTE.

Muitos de nós já fizemos o seguinte questionamento: O que acontece e o que nos espera após a morte?

A Igreja ensina que após a morte vem à eternidade tanto para os bons quanto para os maus, pois a alma nunca morre ela retorna para Deus. Sendo assim aqueles que viveram em amizade com Deus vão ter a felicidade de contempla-lo face a face, já aqueles que o rejeitaram viverão eternamente no inferno.

A questão da situação da alma após a morte é decisiva para os homens na terra, se nada há após a vida presente, a vida terrestre é a única chance de felicidade entendida geralmente no sentido material. A existência da outra vida mostra que a passagem pela terra é apenas a preparação de uma vida plena.(AQUINO, Felipe 2014, p. 78).

Deus criou o homem para a vida e para a bem aventurança!

Enquanto toda a imaginação fracassa diante da morte a Igreja instruída pela Revelação divina, afirma que o homem foi criado por Deus para um fim feliz, além dos limites da miséria terrestre. Mais ainda: ensina a fé cristã que a morte corporal da qual o homem seria subtraído se não tivesse pecado, será vencida um dia, quando a salvação perdida pela culpa do homem lhe for restituída pelo seu oponente e misericordioso Salvador. Pois Deus chamou e chama o homem para que ele com a sua natureza inteira, dê adesão a Deus na comunhão perpétua da incorruptível vida divina. (Gs, 18).

O Papa Bento XVI em uma entrevista ao jornalista Peter Seewald, que resultou no livro o último testamento, nos ensina de maneira muito fraterna como podemos nos preparar para a nossa partida deste mundo. O jornalista pergunta expressamente a Bento XVI, “É possível se preparar para a morte?” E o Santo Padre responde de maneira clara e objetiva:

É até mesmo necessário, penso eu. Não no sentido de que agora a pessoa precisa realizar determinados atos, mas viver a partir de então o seu íntimo para que passe na última prova diante de Deus. Para que a pessoa saia deste mundo e fique diante dele e dos santos, e dos amigos daqueles que não foram amigos. Para que digamos, aceite a finitude desta vida e se aproxime intimamente para se apresentar diante de Deus. (BENTO XVI, 2017, p. 279).

Após essa resposta Peter Seewald continua indagando Bento XVI, com a seguinte pergunta: “Como o senhor se prepara para a morte?” Mais uma vez o Santo Padre responde com grande sabedoria e entusiasmo:

Simplesmente em minha meditação. Sempre penso que o fim vai chegar. Tento me preparar para ele e, principalmente para me manter presente. O importante não é o que eu imagino do fim, mas que eu viva na consciência de que a vida toda tende para um encontro. (BENTO XVI, 2017, p. 279).

Percebe-se que Bento XVI tem uma visão bastante positiva em relação à morte, onde o mesmo, reconhece a necessidade de se preparar para sua chegada, meditando sobre ela com a consciência de que tudo está concentrado em um grande encontro com Deus.

3.1 CREIO NA RESSURREIÇÃO DA CARNE E NA VIDA ETERNA.

Jesus veio dar um sentido profundo à vida e à morte do ser humano. Por causa dele, o sofrimento torna-se um canal para Deus.

O ser humano ao crer na ressurreição de Cristo, crê também na sua própria ressurreição, pois “ela é a força maior do amor diante da morte”(RATZINGER, 2006, p. 223). A fé na ressurreição é a esperança maior que confere sentido a toda existência humana. É por ela que cada crente, vislumbra na pessoa de Cristo, sua existência. Certos de que “a ressurreição de Jesus não cancela a realista dureza da história mais define a sua superação [...]” (ANCONA, 2013, p. 247).

A existência humana mesmo que marcada pela sua finitude, tem seu sentido quando se encontra pautada nas verdades do Cristo: “Eu sou o caminho a verdade a vida” e ainda, “quem crer em mim não morrerá” (cf. Jo. 14,6). Dentro da perspectiva cristã, Cristo é o único sentido de viver e de morrer. Por isso “o futuro do homem só se revela definitivamente em Cristo, o ser humano que é um com o Pai, e o homem pelo qual o ser humano entrou na eternidade de Deus” (RATZINGER, 2006, p. 258).

Cristo compara a morte ao encontro de nossa alma com o esposo, ele compara o céu com as núpcias do cordeiro com a Igreja, por isso Santo Agostinho disse que “A morte é a companheira do amor, ela que abre a porta e permite chegarmos àquele que amamos” (apud AQUINO Felipe, 2014, p. 80). O livro do eclesiástico diz que quando o homem acaba, então é que começa (Eccl. 18, 6).

Toda criatura humana traz gravada em si a marca do infinito e do absoluto. Nosso Credo professa a ressurreição dos mortos no fim dos tempos e a vida eterna. Na sua profissão de fé o Papa Paulo VI disse:

Creemos na vida eterna, cremos que as almas de todos aqueles que morreram na graça de Cristo, quer as que devem ainda purificar no fogo do purgatório, quer as que são recebidas por Jesus no paraíso, logo que se separam do corpo, como sucedeu o bom ladrão, formam o povo de Deus para além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da ressurreição, em que essas almas se unirão a seus corpos. (CPD, 28).

O segundo livro de Macabeus nos remete à fé na ressurreição dizendo:

O rei do mundo nos fará ressurgir para uma vida eterna a nos que morremos por suas leis (2 Mac 7,9). “É desejável passar para a outra vida pelas mãos dos homens, tendo da parte de Deus as esperanças de um dia ter ressuscitado por ele. (2 Mac 7,14).

A fé na ressurreição dos mortos, desde o início sempre foi um ponto essencial da fé dos cristãos. Tertuliano (220 d.C.) dizia que “A confiança dos cristãos é a ressurreição dos mortos, crendo nela somos cristãos”, São Paulo escreveu um texto embasando isso:

Como podem algum dentre vos dizer que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou vazia é a nossa pregação, vazia é a nossa fé. (1 Cor. 15,12...).

A Igreja ensina que todos os homens que morreram vão ressuscitar: “Os que tiveram feito o bem, sairão para uma ressurreição de vida, os que tiveram feito o mal para uma ressurreição de julgamento” (Cf. Jo 5,29. CIC 998).A ressurreição dos mortos será no ultimo dia, ela esta intimamente ligada com a parusia (Cf. Jo 6,39-40. 44-54). “Quando o senhor, ao sinal dado, à voz do arcanjo e ao som da trombeta

divina descer do céu, então os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4,16. CIC 1001).

Portanto a ressurreição dos corpos ainda não aconteceu nem mesmo para os santos, seus corpos ainda aguardam a segunda vinda do Senhor. Sobre esta segunda vinda somente o Pai que está nos céus sabe o dia e a hora, por isso a Igreja sempre nos exorta a estarmos preparados para este grande dia. A respeito disso o Papa João Paulo II disse: “A história caminha rumo a sua meta, mas Cristo não indicou nenhum prazo cronológico. Ilusórias e desviantes são, portanto as tentativas de previsão do fim do mundo (LR, n. 17- 25/03/1998).

Santo Irineu faz uma bela correlação da Eucaristia com a ressurreição, destacando a eucaristia como que um antegozo da transfiguração de nosso corpo por Cristo:

Assim como o pão que vem da terra, depois de ter recebido a invocação de Deus, não é mais pão comum, mas Eucaristia, constituída por duas realidades, uma terrestre e outra celeste, da mesma forma os nossos corpos que participam da Eucaristia não são mais corruptíveis, pois tem a esperança da ressurreição. (Adv.Haer. 4.18,5).

O Papa Bento XVI disse sobre a eternidade:

Eternidade não é uma sucessão continua de dias do calendário, mas algo parecido com o instante repleto de satisfação onde a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade. Seria o instante de mergulhar no oceano do amor infinito, no qual o tempo, o antes e o depois já não existe. (SS.12).

Nossa fé Cristã Católica expressa a certeza da ressurreição da carne, ou seja, que após a morte não haverá vida somente de nossa alma, mas também de nossos corpos (Cf. Rm 8, 11). Deus em sua onipotência restituirá definitivamente a vida aos nossos corpos unindo-os às nossas almas através da ressurreição (Cf.2 Tm 1,10).

Os ensinamentos da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja sobre a ressurreição desbanca totalmente a doutrina da reencarnação, cujo ensinamento é a transmigração da alma e a expiação de faltas de existências anteriores. Com a doutrina da Ressurreição a Igreja valoriza tanto a alma quanto o corpo da pessoa, colocando em evidência que se a pessoa se salva pela reencarnação, então não precisamos da redenção de Cristo, isso coloca o cristianismo como algo sem importância. Quando a pessoa se deixa levar por ensinamentos contrários aos de Cristo, acaba criando um círculo vicioso de contaminação e mentira.

3.1.1 CARACTERÍSTICAS DO NOSSO CORPO GLORIOSO.

Se há uma questão que nos intriga é: Com a ressurreição como será nosso corpo Glorioso?

Ao contrário do que imaginamos na eternidade nosso corpo não sofrerá mais com a ação do tempo, sendo assim não envelheceremos e os que morreram em acidentes ou tiveram seus órgãos doados não ressuscitarão faltando partes do corpo, a pessoa recupera todos os seus órgãos e membros, pois o corpo ressuscitado ganha a incorruptibilidade.

Assim também é a ressurreição dos mortos. Semeado na corrupção, o corpo ressuscita incorruptível. Semeado no desprezo, ressuscita glorioso, semeado na fraqueza, ressuscita vigoroso. (1Cor.15,42-43).

Na parusia a alma se unirá novamente ao corpo ressuscitado, porém numa nova dimensão de vida. O corpo ressuscitado será um corpo glorioso semelhante ao de Cristo onde conservará características morfológicas do corpo mortal, que passará a viver na eternidade. “O corpo ressuscitado estará fora do tempo e do espaço, isto é, não sofre mais a ação envelhedora do tempo, e não ocupa mais espaço. Por isso o corpo de Jesus ressuscitado entrava e saía do cenáculo sem rasgar as paredes” (AQUINO, Felipe, 2014, p. 87).

3.2 A IGREJA COMO VIA DE CONSOLAÇÃO PARA AS ALMAS.

A Igreja propagadora da obra redentora de Cristo dispõe de meios de ajuda espiritual para à alma do defunto bem como de consolo à família enlutada. Ela como mãe tem plena consciência da necessidade de rezar pela alma do falecido e pela família do mesmo. Desde orações feitas no velório, encomendações no cemitério, missas de sufrágio pelas almas, a igreja deixa sempre transparecer que a morte não tem a palavra final, reafirmando assim a fé na ressurreição.

A Igreja que, como mãe, trouxe sacramentalmente no seu seio o cristão durante a sua peregrinação terrena, acompanha-o no termo da sua caminhada para o entregar nas mãos do Pai. E oferece ao Pai, em Cristo, o filho da sua graça, e depõe na terra, na esperança, o gérmen do corpo que há de ressuscitar na glória. Esta oblação é plenamente celebrada no sacrifício eucarístico, e as bênçãos que o precedem e o seguem são sacramentais. (CIC.1683).

3.2.1 EXÉQUIAS

A palavra exéquias vem do latim *exsequiae*, cujo significado é cerimônias prestadas aos mortos ou orações das quais as comunidades cristãs acompanham e homenageiam seus mortos, ou seja, cerimônias ou honras fúnebres (AURÉLIO, 2000, p. 304).

A liturgia cristã dos funerais é uma celebração do mistério pascal de Cristo, onde a Igreja pede que seus filhos incorporados pelo batismo em Cristo morto e ressuscitado, passem com ele da morte à vida sendo associados aos santos e eleitos no céu enquanto o corpo aguarda a parusia de Cristo e a ressurreição dos mortos. Ao celebrar as exéquias procurem os cristãos afirmar sem reservas a esperança na vida eterna de modo que não ignorem ou menosprezem o modo de pensar e proceder dos homens de seu tempo no que se refere aos defuntos (Celebração das exéquias, Ritual Romano, 2020, p. 09).

No Brasil as exéquias acontecem frequentemente em três lugares: No velório junto dos amigos e familiares do defunto, no cemitério onde sepulta o corpo do falecido e na Igreja onde se celebra a missa de sétimo dia. Quanto à missa de sétimo dia vale a pena ressaltar que a Eucaristia é a celebração mais importante dos cristãos na qual anunciamos a morte do Senhor que ressuscitou e que nos ressuscitará.

O sacrifício eucarístico. Quando a celebração tem lugar na igreja, a Eucaristia é o coração da realidade pascal da morte cristã. É então que a Igreja manifesta a sua comunhão eficaz com o defunto: oferecendo ao Pai, no Espírito Santo, o sacrifício da morte e ressurreição de Cristo, pede-Lhe que o seu filho defunto seja purificado dos pecados e respectivas consequências, e admitido à plenitude pascal da mesa do Reino. É pela Eucaristia assim celebrada que a comunidade dos fiéis, especialmente a família do defunto, aprende a viver em comunhão com aquele que adormeceu no Senhor, comungando o corpo de Cristo, de que ele é membro vivo, e depois rezando por ele e com ele. (CIC.1689).

Percebemos então a importância da celebração eucarística em sufrágio da alma do falecido, pois é pela Eucaristia que tanto o defunto recebe a graça de descansar em paz, quanto seus familiares recebem de Deus a força e o consolo necessário para continuar vivendo sem seu ente querido.

3.2.2 PASTORAL DO CONSOLO E DA ESPERANÇA.

Pastoral do Consolo ou da Esperança é o nome dado ao apostolado junto às famílias enlutadas, que perderam seus entes queridos. Ela promove orações nos dias de velórios e dias que antecedem a Missa de sétimo dia, e ajuda a cultivar a fé na ressurreição e na vocação de cada ser humano para a eternidade. Cada paróquia organiza a sua pastoral segundo as suas necessidades e possibilidades pastorais (<https://www.diocesedeanapolis.org.br/pastoral-do-consolo/> Acesso em 10/11/2021).

Esta pastoral é a presença amiga, fraterna e solidária da comunidade eclesial junto àqueles que passam por um momento de dor com a perda de um ente querido, prestando solidariedade, conforto e apresentando súplicas para os defuntos e ao mesmo tempo dá aos vivos o consolo da esperança. A Pastoral deve lembrar aos presentes que a vida cristã não está limitada à realidade terrena, mas perpassa esse tempo e esse lugar. O Senhor Ressuscitado é o modelo perfeito da nossa realidade futura, o que nos anima na superação deste momento.

A Pastoral do consolo e da esperança tem como missão:

Confortar espiritualmente as famílias enlutadas (através de celebrações bem preparadas, visitas), assistir estas famílias nos velórios, preparar com especial zelo a celebração das exéquias, considerando o profundo sentido pascal da morte cristã, a sensibilidade dos presentes e a necessidade de se aproveitar o momento para trazer o real sentido da morte, realizar encontros de oração nas residências destas famílias, aproveitar o momento de sensibilidade humana para falar da esperança a todos e da necessidade da fé na ressurreição dos mortos como ponto central da vida cristã, providenciar sepultamento dos indigentes ou de pessoas que não tenham família. (<http://www.igrejamatrizresende.org.br/PastoralEsperanca.html> - Acesso em 10/11/2021).

A pastoral da esperança deve trabalhar em conjunto com as demais pastorais da paróquia, mas principalmente com a pastoral familiares onde ambas devem caminhar juntas levando amparo e consolo às famílias que perderam algum ente querido. Devido a pastoral familiar estar inserida no seio das famílias, fica mais fácil fazer um levantamento preciso das famílias que estão enlutadas no território paroquial, por isso a fusão destas duas pastorais é de grande valia.

Rezar pelos mortos é um ato de caridade, por isso sempre que possível devemos lembrar-nos dos nossos entes queridos que já se foram sempre colocando-os nas nossas orações, bem como rezar também por aqueles que perderam alguém para que Deus amenize a dor da perda. A palavra de Deus nos ensina essa prática de rezar pelos mortos.

No segundo livro de Macabeus, Judas Macabeu relata que organizou uma coleta enviando a Jerusalém cerca de 10 mil dracmas para que se oferecessem um sacrifício pelos pecados dos que tinham falecido (cf. 2 Mac 12. 43,46). Ora essa atitude de Judas Macabeus além de nos mostrar a importância da oração pelos mortos, nos remete novamente à fé na ressurreição pois se ele não tivesse fé na ressurreição de nada adiantaria oferecer um sacrifício expiatório para que essas almas fossem livres de suas faltas.

Na segunda carta a Timóteo, São Paulo reza pelo seu amigo Onesíforo, para que ele obtenha misericórdia de Deus, ao ler a carta toda observamos que Onesíforo já está morto, pois nesses textos São Paulo se refere nominalmente a outras pessoas se referindo sempre a casa e a família de Onesíforo (cf. 2 Tim.1,18). Percebemos então que São Paulo além de pedir a Deus misericórdia para seu amigo reza também pelo consolo de seus entes queridos.

CONCLUSÃO

Baseado em uma minuciosa pesquisa bibliográfica, este trabalho teve por finalidade demonstrar o lado positivo da morte. Tendo em vista que a morte faz parte da vida do ser humano, e que essa realidade causa inúmeros sentimentos negativos, dentre eles o medo e a angústia, o assunto “morte” ainda nos causa bastante inquietude, sendo assim esta pesquisa busca ajudar a encarar a morte de uma

maneira diferente de tudo aquilo que vivenciamos de forma errônea em relação a este acontecimento.

A morte é um grande mistério divino, por isso é uma realidade muito difícil de entender e até mesmo de aceitar, poderíamos compará-la como que um enigma a se decifrar. Provavelmente só entenderemos a morte no momento em que passarmos por ela. O assunto morte sempre teve espaço nas reflexões filosóficas, dentro das ciências humanas e principalmente dentro da teologia, pois todos buscam tentar entender tão grande mistério relacionado ao nosso fim.

Na Sagrada Escritura, mais precisamente no Antigo Testamento a morte recebe diversas interpretações às vezes negativa: Como um sono, como um castigo, um desprezo eterno ou até mesmo como uma desgraça quando se morria e não deixava descendência. Havia também interpretações no Antigo Testamento da morte como bênção: quando o indivíduo tinha longa vida, morrendo na velhice, deixando descendência ou até grandes bens.

Com o Novo Testamento, Cristo dá um novo sentido para a morte, trazendo para nós a esperança da ressurreição. Jesus vence a morte na cruz e nos dá a vida em abundância, ou seja, a garantia da vida eterna.

A visão positiva da morte tem embasamento através da fé na esperança da ressurreição, e é essa fé que nos motiva a continuarmos vivendo, mesmo sem a presença daqueles que tanto amamos, voltando sempre nosso olhar para Deus com a certeza de que um dia iremos nos reencontrar pois a vida não termina aqui, se fosse assim o cristianismo não faria sentido. E é também essa certeza que nos ajudará a olhar para a morte como o pobrezinho de Assis que a chamava de “irmã”, uma irmã mais velha que nos toma pelo braço e nos leva ao encontro de Deus Pai.

REFERÊNCIAS

ANCONA, Giovani. **Escatologia cristã**. Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2013.

AQUINO, Felipe Rinaldo Queiroz de. **O cristão diante da morte**. Lorena – SP: Cleofas, 2014.

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**. Da Idade Média aos nossos tempos. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2017.

BENTO XVI. **Carta encíclica Spe salvi**. São Paulo: Paulus, 2007.

BENTO XVI. **O Último Testamento**. Tradução: Petê Rissati. São Paulo: Planeta 2017.

BIBLIA AVE MARIA. São Paulo: 2001.

BLANK, J. Renold. **Escatologia da pessoa: Vida, Morte e Ressurreição**. São Paulo: Paulus, 2000.

BUARQUE, Aurélio Holanda Ferreira de. **Dicionário de língua Portuguesa**, rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

FRANCISCO PAPA. **Carta encíclica Lumen Fidei Nº 04**. São Paulo: Paulus, 2013.

SOARES, Henrique da Costa. **Escatologia sobre o fim do mundo**. São Paulo: Cleofas, 2017.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário de língua Portuguesa**, São Paulo: objetiva, 2009.

KARDEC, Alan. **O que é o espiritismo**. Tradução: Albertina escudeiro. Rio de Janeiro: LD 2008.

LIGÓRIO Afonso DE. **Preparação para a morte**. Rio de Janeiro: Centro dom Bosco, 2018.

MARANHÃO, J. **O que é a morte**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAULO VI PAPA. **O Credo do povo de Deus**. São Paulo: Cleofas, 2015.

RATZINGER, Joseph. **Escatologia: morte e vida eterna**. Tradução: Rubens Enderie. São Paulo: Molokai, 2019. (coleção Ratzinger)

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo**. Tradução: Alfred J. Keller. São Paulo: Loyola, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur, **A metafísica do amor e da Morte**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

Web sites.

<https://pt.aleteia.org/2017/02/14/morrer-havemos-ja-o-sabemos-> Acesso em 02/10/21.

<https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/27-como-surgiu-o-coronavirus-> Acesso em 04/09/21.

<https://www.diocesedeanapolis.org.br/pastoral-do-consolo-> Acesso em 10/11/21.

<https://www.encontroespiritual.org/gita/capitulo2.html-> Acesso em 05/08/21.

<http://www.igrejamatrizresende.org.br/PastoralEsperanca.html-> celebração das Exéquias- Acesso em 12/11/21.

<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2015/agosto/14/Declaracao-de-Obito-WEB.pdf-> Acesso em 08/09/21.

<https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/64790-> Acesso em 05/08/21.

<https://perdaseluto.com/2016/08/24/o-significado-da-morte-e-o-processo-de-luto-na-visao-do-judaismo/>

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150617_udienza-generale.html- Acesso em 02/10/21.